ARROZ

As plantações do Centro-Oeste estão sendo danificadas pela estiagem e as do Rio Grande do Sul começam a preocupar, embora tenham sido, até agora, as mais bem preservadas. Mesmo que a safra maranhense consiga um bom resultado, podem ser esperados problemas no abastecimento, em 1986.

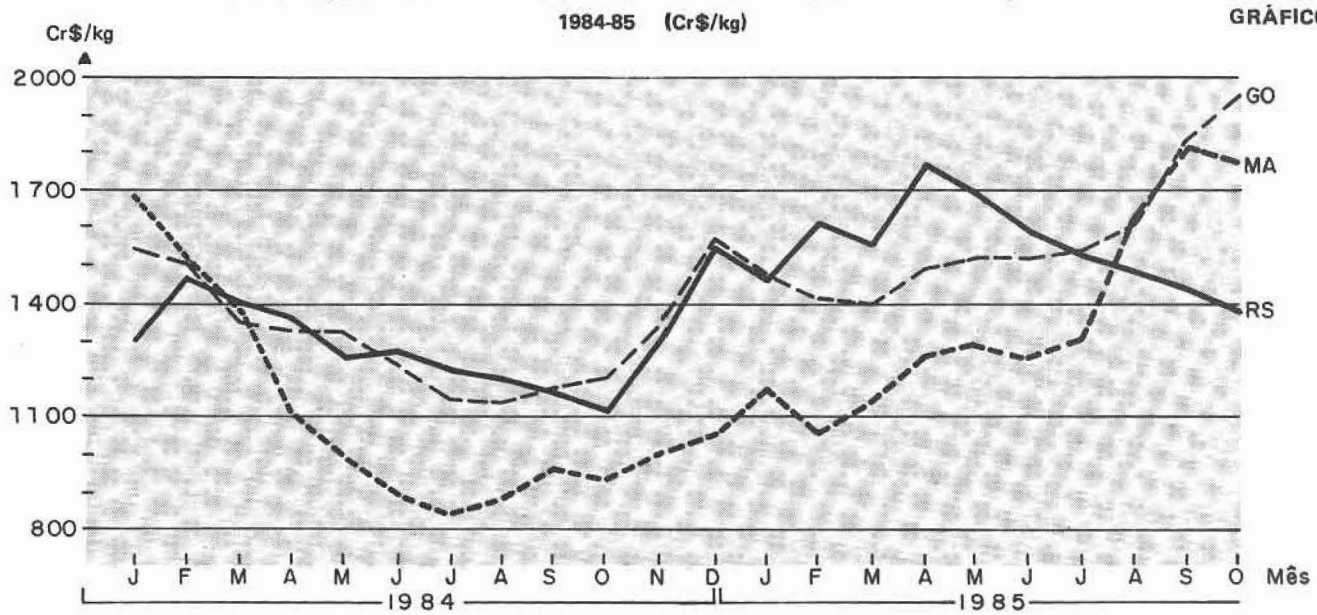
As deficiências da política agrícola adotada há anos afetaram algumas das principais lavouras de modo marcante. O caso do arroz de **sequeiro** é exemplar. Muitas sugestões de medidas de estímulo foram feitas por diversas entidades, mesmo as ligadas ao poder público, sem serem adotadas. O resultado inevitável foi a contínua perda de área de cultivo no Centro--Oeste, com os agricultores optando por atividades mais rentáveis (ver **Agroanalysis**, volume 9, nº 9).

Na safra 1985/86, espera-se uma reversão deste processo, movida pelos instrumentos de política agrícola (os **Valores Básicos de Custeio** tiveram seus limites de adiantamento mais favoráveis aos grandes e médios produtores) e pela expectativa quanto aos assentamentos do **Plano Nacional de Reforma Agrária**. Segundo o **Prognóstico da Produção Agrícola**, do **IBGE**, a área plantada da safra superará em 12% a área colhida da safra anterior.

Também em termos de mercado, houve incentivo ao cultivo de **sequeiro**, pois a situação das cotações nos estados centrais melhorou, nos últimos meses. O Gráfico 02 mostra que os preços recebidos pelos orizicultores de Goiás apresentam ascensão ininterrupta, há meses, mantendo-se acima dos do Rio Grande do Sul (no atacado, o arroz goiano também superou o gaúcho, em razão das grandes liquidações de **EGF's** deste último). O mesmo gráfico apresenta a situação do Maranhão, em que a grande quebra da safra alçou as cotações do arroz a patamares inesperados.

Variações acentuadas nos preços e na remuneração dos produtores rurais não são incomuns em um mercado como o do arroz. O Gráfico 03 apresenta as médias anuais dos preços recebidos pelos orizicultores, podendo-se ver que, em anos recentes, quando se iniciou o processo de retração da área, as distâncias entre os

ARROZ EM CASCA – PREÇOS RECEBIDOS[1] PELOS PRODUTORES DO RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS E MARANHÃO
1984-85 (Cr$/kg) **GRÁFICO 02**



FONTE – FGV/IBRE/CEA e Conjuntura Econômica.
1 Preços corrigidos, pelo IGP-DI, para novembro de 1985.

pontos máximos e mínimos diminuíram sobremaneira.

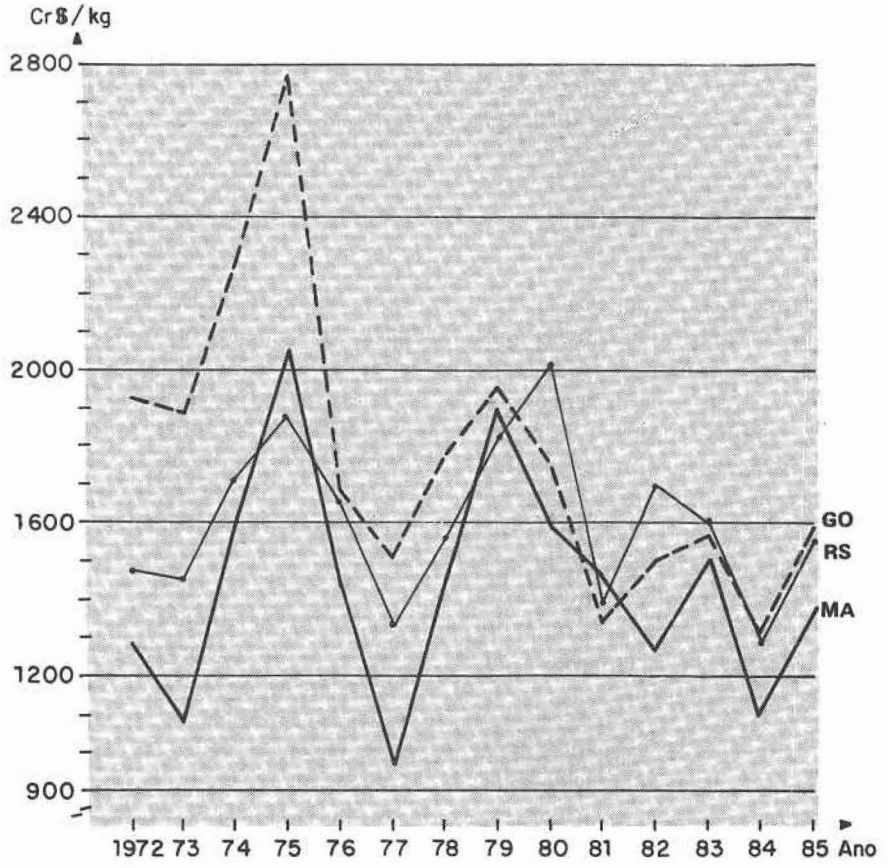
Atualmente, o mercado do arroz vem sendo influenciado pelas tentativas de controle dos preços através dos leilões e das importações. Sabe-se que não há disponibilidade suficiente de arroz **agulhinha** para o abastecimento até o ingresso da próxima safra. No caso do arroz de **sequeiro**, apenas a **CFP** tem condições de suprir a demanda e talvez só até o fim do ano, o que cria expectativas quanto à chegada do produto importado (em novembro, ingressaram 80 mil t contratadas pela **Interbrás**), cujo preço deverá ser o principal referencial do mercado.

Apesar da estimativa de uma grande ampliação da área cultivada nesta safra (ver Quadro 03), as perspectivas do abastecimento não são tranqüilas. É certo que o altíssimo rendimento físico médio (para os padrões brasileiros), obtido na safra passada, não será alcançado outra vez.

Em virtude da estiagem, mesmo no caso do Rio Grande do Sul, em que quase todo o cultivo é irrigado, nota-se alguma ansiedade, pois as demais lavouras já apresentam perdas, em algumas bastante sérias, como sucede com o feijão. O plantio do arroz está praticamente encerrado, havendo atrasos na região de Santa Maria, notadamente em Restinga Seca e Candelária. O relatório mais atualizado do **Irga**, de 1º /12, estima que, até aquela data, dos 702.320 ha esperados para a semeadura, 653.506 já tinham sido cobertos. Segundo o **Depa-RS**, muitos agricultores, temerosos de que a falta de chuvas impeça a germinação das sementes, estão a provocá-la com a irrigação. Tal recurso pode produzir o efeito inverso, levando ao apodrecimento das sementes no solo. Havendo chuvas em dezembro, o problema terminará, pois os mananciais serão recuperados para a inundação, no momento necessário. A estimativa de produção do **IBGE** é de 3,19 milhões de t (3,21 milhões

ARROZ EM CASCA – PREÇOS MÉDIOS ANUAIS RECEBIDOS[1] PELOS PRODUTORES DO RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS E MARANHÃO – 1972 A 1985[2]

(Cr$/kg) **GRÁFICO 03**



FONTE – FGV/IBRE/CEA e Conjuntura Econômica.

[1] Corrigido, pelo IGP-DI, para novembro de 1985;

[2] média janeiro-outubro.

QUADRO 03 – ARROZ EM CASCA – PRODUÇÃO DA SAFRA 1985/86 NO CENTRO SUL E RONDÔNIA

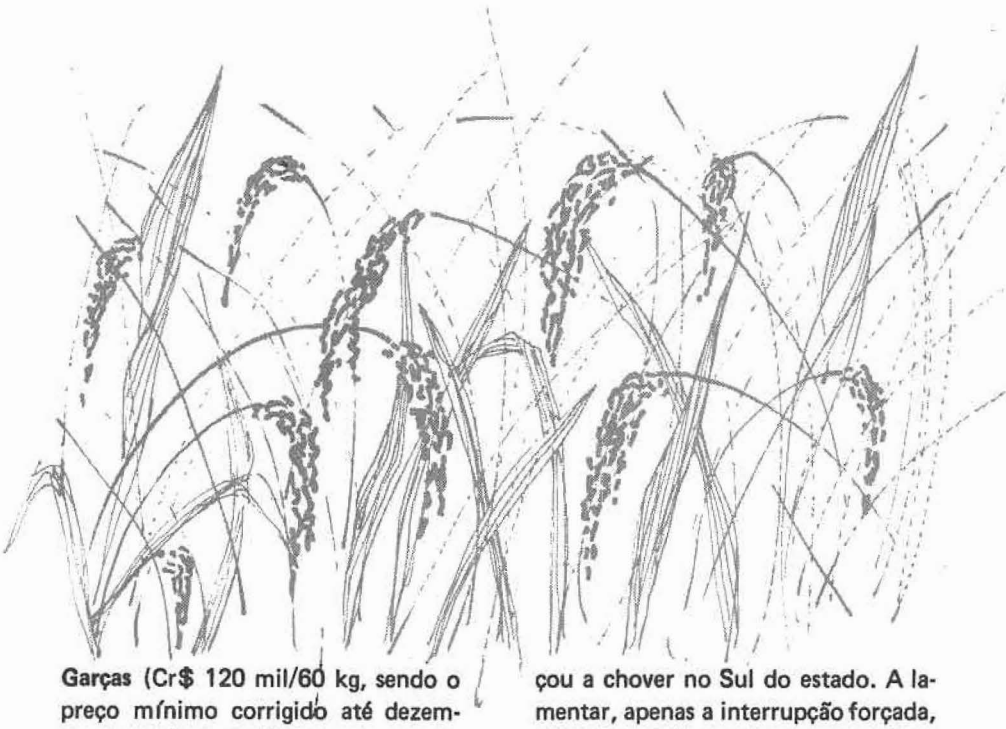
UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)
Rio Grande do Sul	743.286	3.236.600	4.354
Goiás	1.012.500	1.190.000	1.175
Minas Gerais	574.955	934.733	1.626
Mato Grosso	516.654	708.440	1.371
São Paulo	340.000	523.600	1.540
Santa Catarina	148.500	484.575	3.263
Mato Grosso do Sul	310.000	372.000	1.200
Paraná	215.000	311.750	1.450
Rondônia	147.851	229.760	1.554
Rio de Janeiro	37.148	122.588	3.300
Espírito Santo	38.082	117.178	3.077
Distrito Federal	8.000	9.600	1.200
TOTAL	4.091.976	8.240.824	2.014

FONTE – Prognóstico da Produção Agrícola do IBGE, novembro de 1985.

de t, em 1984/85).

No Centro-Oeste, a estiagem vem trazendo sérios prejuízos à agricultura e, dada a importância do arroz ali produzido, é preciso acompanhar atentamente o desenvolvimento das lavouras. De acordo com informações da **Cepa-MS**, o plantio parou em fins de novembro e, até meados de dezembro, ainda não havia chovido. Normalmente, o período de maior intensidade do plantio é o mês de novembro, mas há um grande atraso, tendo-se semeado 77% da área prevista (310 mil ha). Do que já foi plantado, calcula-se que 75% foram bastante prejudicados. A perdurar a situação, ter-se-á como última opção de plantio a soja, cujo calendário é mais elástico.

Em Mato Grosso, ainda se pode completar o plantio, esperado em 506 mil ha (foram colhidos 407 mil ha na safra anterior) mas há atraso no Sul do estado (até final de novembro plantou apenas 40% do previsto). Normalmente, encerra-se a semeadura em novembro, mas, este ano, deverá ocorrer em dezembro. O Sul, principalmente a zona de Rondonópolis, onde se cultiva também a soja, tem tido menor precipitação pluviométrica. Ao Norte, as chuvas são esparsas, mas constantes. Há um estímulo ao plantio nos bons preços hoje pagos. A **Emater** registrou uma média de Cr$ 97.500/60 kg na semana de 2 a 6/12, com o máximo em **Barra do Garças** (Cr$ 120 mil/60 kg, sendo o preço mínimo corrigido até dezembro de Cr$ 90.059/60 kg).



No maior produtor regional, Goiás, as informações ainda não estão consolidadas. Repetem-se as chuvas escassas, o atraso (a **Cepa** estima um plantio de 40% da área) e perdas, não quantificadas. Avalia-se que a área do **sequeiro** poderia chegar a 980 mil ha e a do irrigado a 32.500 ha. Como o plantio vai normalmente até 15/1, poderá haver a superação destes problemas.

Uma área que até o momento não apresentou maiores dificuldades é o Maranhão, em que se supõe que continuará a expansão do cultivo. As condições climáticas são consideradas muito boas e, desde outubro, começou a chover no Sul do estado. A lamentar, apenas a interrupção forçada, pelo início do regime de chuvas, das obras de recuperação da infra-estrutura viária, bastante danificada pelas enchentes do primeiro semestre.

O balanço de oferta e demanda do arroz maranhense (ver Quadro 04) espelha a amplitude da quebra da safra passada e, juntamente com os Gráficos 02 a 04, ilustra o porquê da atual ampliação do plantio. Os produtores mais tecnificados puderam colher melhor e beneficiar-se das cotações majoradas pela frustração da safra e os mais rústicos estão tradicionalmente ligados ao arroz, como fonte de subsistência e, por vezes, de algum rendimento monetário. Aliás, é tão forte a tradição arrozeira do estado

QUADRO 04 – ARROZ EM CASCA – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA NO MARANHÃO SAFRAS 1977/78 A 1983/84 (em t)

SAFRA	OFERTA			PERDA	CONSUMO			SALDO
	Produção	Estoque	Total		Humano	Sementes	Total	
1977/78	1.142.704	19.373	1.162.077	619.387	285.387	19.380	924.154	237.923
1978/79	1.070.190	29.357	1.099.547	586.058	291.506	20.661	898.225	201.322
1979/80	1.281.316	167.753	1.449.069	772.354	329.915	24.721	1.126.900	322.079
1980/81	721.966	10.828	732.794	390.579	343.772	25.190	759.540	–26.747
1981/82	1.610.094	79.877	1.689.971	900.754	351.367	28.752	1.280.873	409.098
1982/83	430.939	25.856	456.795	215.469	350.605	18.076	554.150	–127.355
1983/84	1.145.223	68.713	1.213.936	572.611	360.773	20.505	953.889	260.047

FONTE – Cepa-MA.

que há referências à dificuldade de obtenção de financiamento bancário para lavouras novas, como as da soja, que se estava expandindo no Sul maranhense.

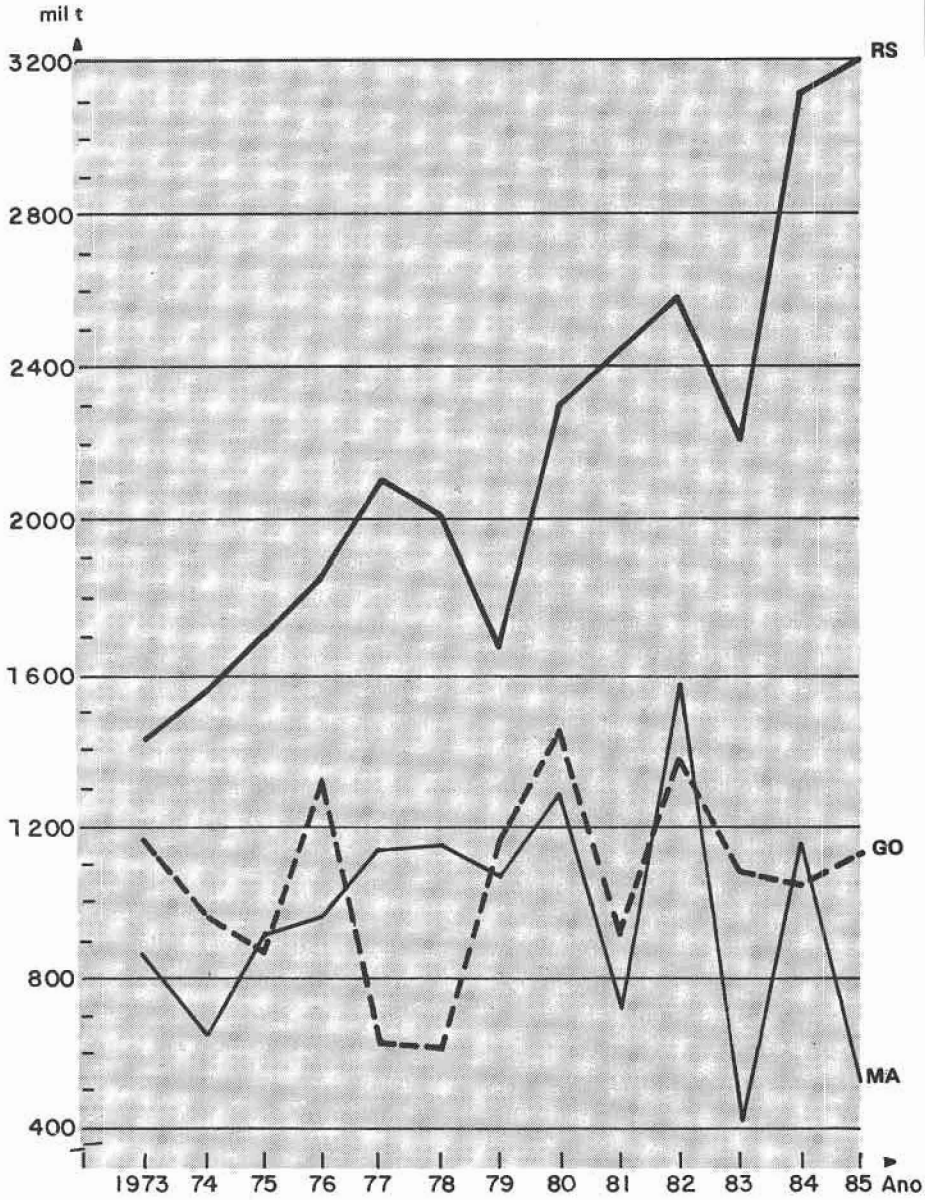
O Gráfico 04 apresenta o comportamento da produção nos três principais estados orizícolas, desde 1973. Observam-se as fortes oscilações das produções goiana e maranhense, capazes de provocar sérios desfalques na oferta, e a firme tendência ascensional da produção gaúcha (apenas três safras frustradas na série).

Se permanecerem as tendências até agora delineadas para a safra 1985/86, haverá problemas no abastecimento, no próximo ano. A comercialização não deverá ser truncada como a da safra passada, pois, embora tenha sido prorrogada até julho, a correção do preço básico, este ano, não superará os preços de mercado, diante das quebras esperadas. No entanto, embora tenha havido a prorrogação, os agricultores do Rio Grande do Sul continuam reivindicando a revisão do preço mínimo. Afinal, a produção irrigada do estado representará parcela ainda maior do total produzido no país, acarretando algum congestionamento na saída do produto.

O consumo brasileiro de 1985 foi estimado em 9,4 milhões de t e a retomada da atividade do mercado interno, baseada na reposição, ainda que parcial, do poder aquisitivo perdido pela população em anos recentes, deverá ampliá-lo, em 1986. Isto aconselha que o incentivo à produção do arroz de **sequeiro**, ao invés de esporádico e casual, torne-se cada vez mais merecedor de uma estratégia específica.

ARROZ EM CASCA – PRODUÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS E MARANHÃO 1973-85 (mil t)

GRÁFICO 04



FONTE – IBGE.

